



PROJETO CANGURU EM TEMPOS DE PANDEMIA: dança para bebês em sistema remoto

JULIANA COSTA RIBEIRO

Professora lotada no Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba; doutoranda no Doutorado em Educação Artística da Universidade de Lisboa; mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, licenciada em Dança pela Faculdade Angel Vianna; coordenadora do *Projeto Canguru – dança para bebês*.

CRISTINA DA CONCEIÇÃO RESENDE

Licenciada em Dança pela Universidade Federal da Paraíba; especialista em Metodologia do Ensino das Artes – UniBF; professora efetiva da rede pública de ensino do município de Conde/PB; professora do Centro Estadual de Artes – CEARTE-PB; atua no *Projeto Canguru – dança para bebês* desde 2015.

LAÍS MAYARA SILVA

Licenciada em Dança pela Universidade Federal da Paraíba; professora da rede de ensino particular de João Pessoa/PB e do Centro Estadual de Artes – CEARTE/PB; bailarina da Cenário Cia de dança; atua no *Projeto Canguru – dança para bebês* desde 2015.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir os impactos da pandemia da COVID-19 no ensino e no cotidiano de famílias (adultos e bebês) participantes do *Projeto Canguru – dança para bebês*, ao migrarem de encontros presenciais para o ensino remoto e assíncrono. A metodologia desta investigação foi descritiva, com abordagem qualitativa. Trata-se de um relato de experiência realizado com base nas expectativas e percepções dos encontros presenciais, em confronto com as necessidades de adequação enfrentadas pelos professores e famílias atendidas durante o isolamento social. O relato se baseia também no conteúdo de entrevistas semiestruturadas e de avaliações que foram enviadas por participantes do projeto, geralmente pelo aplicativo Whatsapp, após a realização das aulas em suas residências. Como resultado, podemos verificar que as famílias que conseguiram se estruturar para manter a frequência nas atividades do projeto puderam estreitar ainda mais os vínculos com os seus bebês, utilizando as aulas de dança, ainda, como uma fuga da rotina em um período de confinamento. Todavia, é perceptível a falta das relações presenciais por todos os participantes do processo, principalmente no que se refere ao desenvolvimento social dos bebês, às trocas afetivas e ao intercâmbio de informações entre os adultos cuidadores.

PALAVRAS-CHAVE:

Dança para bebês. Pandemia. Ensino remoto.

PROJETO CANGURU IN PANDEMIC TIMES: DISTANCE DANCE LEARNING FOR BABIES

ABSTRACT

The main purpose of this article is to discuss the impact of the COVID-19 Pandemic on the classes of the Canguru Project – dance for babies that went online as well as the impact on the participants' family routine (babies and caregivers alike). These families switched from in person classes to remote and asynchronous classes. The methodology was descriptive with a qualitative approach. This paper is an experiment report accomplished based on expectations and perceptions witnessed in their in person classes in contrast with the needs of adaptation faced by teachers and families during the social isolation. This report is also based on testimonials collected by semi-structured interviews and reviews sent to and fro the project's participants carried out after the classes usually by WhatsApp. As a result, we could see that the families that succeeded in organizing themselves to keep their attendance at the project could deepen their relationship with their babies, using the dance classes as an escape from their confinement routines. However, the lack of face-to-face meetings is felt by all the participants, especially with regards to the babies' social development, as well as the diminished interaction among the caregivers.

KEYWORDS:

Dance for babies. Pandemic. Distance education.



INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia devido à disseminação do novo coronavírus em todos os continentes do planeta (WHO, 2020). Como não há terapêutica preventiva para a doença, COVID-19, e a velocidade de disseminação é rápida, foi recomendado o isolamento social como forma de contenção da propagação do vírus. Ainda no mesmo mês, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) lançou uma Coalizão Global para garantir o ensino remoto, com base em abordagens da Educação a Distância (EAD), adequado aos estudantes de todo o mundo (UNESCO, 2020). O presente artigo tem como objetivo discutir os impactos desse isolamento social recomendado pela OMS, devido à pandemia de COVID-19, no *Projeto Canguru – dança para bebês*, nos anos de 2020 e 2021. Trata-se de um relato de experiência em que analisaremos as adaptações metodológicas das aulas de dança para essa faixa etária em um sistema remoto e os resultados obtidos nessa nova configuração.

O *Projeto Canguru – dança para bebês* iniciou suas atividades como um projeto de extensão do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, em 2014. Inicialmente o objetivo era pesquisar uma metodologia de dança para a faixa etária de zero a 24 meses; aumentar o vínculo entre adultos cuidadores e bebês; estimular a formação de plateia para a dança na cidade de João Pessoa; pesquisar as relações entre a linguagem da dança e a formação de crianças pequenas (zero a 24 meses). As interações são o foco do projeto, uma vez que são determinantes nos modos de estar-a-ser (ALMEIDA, 2018) no mundo. Destarte, são estabelecidos processos de cocriação na construção do entendimento de si e do mundo a sua volta, por meio biológico e social. “Portanto, se o desenvolvimento individual depende da interação social, a própria formação, o próprio mundo de significados em que se existe, é função do viver com os outros” (MATURANA & VARELA, 1955, p. 50).

O público atingido pelo projeto, desde sempre, foi uma população de classe média, inicialmente vinculada à universidade (devido à divulgação restrita e a localização das aulas nas salas de dança da UFPB) e, posteriormente, ampliada para a população em geral da cidade. O projeto acontece de forma contínua, sendo executado em espaços formais de educação e em ambientes



de ensino não-formal da dança (academias de dança) e finalmente no Centro Estadual de Arte da Paraíba, o CEARTE.

Em sua organização, o *Projeto Canguru* contou com a coordenação da professora Juliana Costa Ribeiro, lotada no Departamento de Artes Cênicas (DAC) da UFPB e monitores, bolsistas e voluntários. Atualmente, a professora está desenvolvendo uma tese de doutorado que tem esse projeto como objeto da pesquisa. Com isso, as aulas estão sendo elaboradas e ministradas pelas professoras Laís Luah e Cristina Resende, ambas formadas pelo Curso de Licenciatura em Dança da UFPB e contratadas pelo CEARTE.

As aulas aconteciam presencialmente aos sábados, das 9h às 9:50h em duas salas, uma com bebês de zero a doze meses e outra, com bebês de 13 a 24 meses. Atualmente as aulas acontecem de forma remota e assíncrona e são enviadas por e-mail aos sábados de manhã. As aulas presenciais eram pensadas com a mesma temática para as duas salas e os exercícios eram adaptados para cada faixa etária.

No sistema remoto, as adaptações são feitas com o auxílio dos adultos cuidadores, de acordo com suas as possibilidades e as de seus bebês, seguindo as orientações e indicações das professoras. Quando presencialmente, as duas turmas eram reunidas na ocasião em que oferecíamos a *Fruição* (uma das etapas do processo que será descrita posteriormente) para as famílias e no momento de finalização, quando todos dançavam uma *Ciranda* (dança tradicional local).

Discorreremos sobre a metodologia criada para o trabalho presencial e, posteriormente, vamos avaliar as modificações e os ajustes feitos pela imposição do isolamento social devido à pandemia. É preciso ressaltar que até o início de 2020 era impensável que o *Projeto Canguru* fosse oferecido em aulas remotas e assíncronas. As estratégias adotadas e as adaptações metodológicas aconteceram de forma intempestiva e foram sendo avaliadas e readequadas ao longo do tempo.



BEBÊS NA DANÇA

Em nossa sociedade, o bebê é normalmente compreendido a partir de uma lógica desenvolvimentista. Muito influenciado pela psicologia, principalmente pelas teorias do desenvolvimento humano, o entendimento do que pode um bebê costuma ser bastante limitado.

Segundo Piaget (2005), todo bebê passa por fases determinadas no tempo, cabendo aos adultos o papel de cuidadores, para que inexoravelmente esse novo ser cumpra etapas determinadas. Já na visão de Vygotsky (2008), há uma importante relação entre o ser e o ambiente e é nessa interação que o aprendizado se dá. Apesar de essa corrente histórico-cultural, em que está Vygotsky, valorizar a interação, há uma ênfase na aquisição e internalização de signos verbais, desprezando a época pré-verbal da criança.

No projeto temos uma perspectiva potente em relação ao desenvolvimento do bebê. Consideramos que é preciso “pensar o desenvolvimento das crianças pequenas não como um porvir, mas, precisamente, renunciando a essa ideia, problematizar o ‘estar-a-ser-criança’ como um acontecimento com a potência de devir” (ALMEIDA, 2019, p. 4). Desse modo, criamos uma metodologia de aula que não se preocupa com fases de desenvolvimento, mas sim com a interação entre as pessoas (adultos e bebês) e o conhecimento que essa interação gera, mesmo antes de a linguagem verbal se estabelecer.

Assim sendo, as aulas, tanto presenciais quanto posteriormente remotas, foram pensadas em quatro momentos: o *Bom Dia*; o desenvolvimento de uma temática; a *Fruição* e a *Ciranda*. Essas divisões, na prática, costumam acontecer de modo fluido, no

IMAGEM 1

Aula Remota com o tema “instrumentos musicais”.





entanto, para fins didáticos, preferimos explicar separadamente cada etapa, ressaltando seus objetivos, metodologia e formas avaliativas.

No momento da chegada da família, um monitor a recebe e orienta que todos devem retirar os sapatos para entrar na sala de dança. Os pertences são acomodados no canto da sala e todos se dirigem ao tablado (turma dos bebês maiores – de 13 a 24 meses) ou ao tatame (turma dos bebês menores – de zero a 12 meses). Os adultos cuidadores sentam-se no chão e, enquanto observam os seus bebês explorando o ambiente, conversam com os outros participantes. Essas trocas informais que acontecem antes e depois das aulas são consideradas um momento importante de socialização, principalmente das mães, que relatam o quanto são sobrecarregadas com os afazeres decorrentes da chegada do bebê e que acabam ficando, em grande medida, privadas do convívio e da conversa com outros adultos. Mais ainda, nesse ambiente trocam-se informações sobre os bebês e suas necessidades, dialoga-se sobre dificuldades enfrentadas e apoiam-se mutuamente. Sendo um espaço para os bebês, há uma descontração com relação às demandas dos pequenos: caso seja preciso amamentar, trocar fralda ou qualquer outra ação desse tipo, não há constrangimentos.

Iniciamos então a aula com a música do *Bom Dia*, criada especialmente para o projeto por Clara Ramalho. Cantamos sentados em roda, batendo palmas e balançando o corpo lateralmente no ritmo da canção. Ao final da letra, inserimos o nome da criança na música. O *Bom Dia* é cantado para cada bebê, que, dependendo do tempo de vida e de participação no projeto, passa a reconhecer aquele momento como seu. A roda permite que todos os participantes e monitores se vejam e celebrem o início do encontro. Essa canção, muitas vezes, passa a fazer parte da rotina da família, sendo cantada todos os dias pela manhã, conforme nos relatam alguns familiares.

Por esse caminho, nos encontros presenciais, acolhíamos as famílias, despertando um contato lúdico do bebê com o seu próprio nome, buscávamos ainda “concentrar” e integrar os participantes para as atividades de dança.

Observa-se que essa é uma construção coletiva, que vai se dando ao longo dos encontros. No início do semestre, os adultos precisam perceber a música, aprender a letra da canção e se sentir confortáveis para cantá-la, o que vai sendo conquistado com o tempo. Lembramos que durante o *Bom Dia*, a *concentração* a que nos referimos se trata mais de uma forma dinâmica de



organização do que a configuração de uma sala de aula onde todos estão imóveis e em silêncio. Essa situação não é desejada no nosso projeto. Ao contrário, a alegria, o movimento e os sons são bem-vindos e necessários para que os adultos se sintam à vontade para criar as movimentações a seguir.

Passamos, assim, para a etapa “desenvolvimento de uma temática”. Um monitor diz qual será o tema daquele encontro, que dará o nexa a todo o fazer da aula até a etapa *Fruição*, estabelecendo uma espécie de narrativa. Essa estratégia adotada mostrou-se eficiente para desbloquear os adultos a criarem interações em movimento com os seus bebês, já que, para participar do projeto, não é necessário conhecimento prévio em dança. O desenvolvimento do tema pode ou não se dar contando uma história linear. Há aulas em que a história se desenvolve e outras, em que apenas imagens e situações em torno da temática vão costurando as atividades propostas.

Daremos exemplos dos dois modos de se organizar a aula a partir de uma mesma temática para um melhor entendimento da proposição. O tema que vamos exemplificar é *Fazenda*; as aulas se desenrolariam a partir de narrativas, sensações ou imagens despertadas. Se partirmos para uma história linear, podemos acordar com o galo cantando (espreguiçar ao som do canto do galo), levantar-se para tomar um café da manhã na roça (cheiro de café invade a sala), ir para o galinheiro pegar ovos (procurar bolas pelo chão e brincar com elas), passar no curral para ordenhar vacas (luvas cirúrgicas cheias de água são oferecidas aos participantes) e andar a cavalo (galopar). Cada momento desse sendo conduzido para que o cuidador e o bebê interajam entre si, com objetos e com os demais integrantes da aula.

Partindo para uma construção sem necessariamente o desenvolvimento de uma história linear, podemos nos transformar em galos e galinhas, comer milho (oferecer espigas), nos transformarmos em formigas em direção à horta, passar pelo vento e pela tempestade (ventilador; borrifador de água), sentir o cheiro de terra molhada e nos transformarmos em um broto que cresce em direção ao sol (sol de papel celofane). Não há diferenças significativas em relação aos resultados esperados e expectativas dos participantes nos dois tipos de condução das aulas que se alternam.

As aulas do *Projeto Canguru* são criadas a partir de metáforas. Desde o desenvolvimento do tema, com base nas sugestões de situações que serão vivenciadas pelos participantes das aulas até o uso e ressignificação de objetos. Ao sugerir que uma pessoa é uma formiga e que o seu bebê



é a folha que a formiga leva para casa, o adulto transforma a informação verbal em movimento criativo. Não haverá uma maneira certa de ser formiga, nem um modelo de como carregar a sua folha. É num diálogo não-verbal entre a dupla que os movimentos são cocriados. As possibilidades corporais de cada um entram em negociação com a proposta da aula e cada dupla, a seu modo, cria um modo de executá-la.

A metáfora está presente também quando propomos a utilização de objetos com seus sentidos deslocados. Nas aulas, podemos oferecer algodão para ser nuvem, uma rede pode ser um barco, tecidos embolados viram pedras e assim por diante. O deslocamento de sentido dos objetos facilita a criação de novas formas de manipulação desses e de interações com o bebê.

Essa inovação na aula de dança para bebês propicia um mergulho do adulto no universo infantil e no mundo da dança – sem separações entre criação de movimento dançado e brincadeira. Podemos considerar, com base nas avaliações feitas pelas professoras implicadas e pelo retorno dos adultos cuidadores participantes, que com essa metodologia alcançamos rapidamente alguns dos objetivos propostos, tais como estreitar vínculos entre adultos e bebês; inserir os participantes na linguagem da dança para bebês; capacitar o adulto a criar situações com o uso de movimentos e de objetos ressignificados para dançar com o bebê em outros momentos além dos encontros. A avaliação desse momento acontecia – presencialmente – concomitantemente à aula.

Nessa etapa, os tempos de cada instrução costumavam ser variados de acordo com o interesse e a desenvoltura dos participantes. Assim, o ritmo das turmas nas salas variava consideravelmente, pois os bebês pequenos possuem possibilidades de movimento e interação diferentes dos maiores.

Com o intuito de ampliar o conhecimento dos pais sobre danças, formar novas plateias e introduzir os pequenos neste universo desde a tenra infância, a cada aula, um artista apresentava um estilo, na etapa denominada de *Fruição*. Essa proposta de fruição sempre esteve relacionada com a temática desenvolvida pela aula. A dança apresentada tinha a duração de até três minutos e os bebês podiam interagir com o artista durante a sua apresentação. Esse espaço de experimentação de movimento em posição de apresentação era percebido de maneira singular pelos bebês maiores. Alguns interagem com o dançarino e arriscavam suas próprias danças. Havia



percepção de que naquele momento ele estava sendo observado e, muitas vezes, o próprio bebê, depois de criar sua movimentação, se aplaudia.

Os menores, no colo do cuidador, eram posicionados de modo a observar a dança, o que poderia acontecer ou não. A variedade de danças oferecidas durante o semestre era proposital, para que os adultos entrassem em contato com diferentes estilos de dança, ampliando seu entendimento desta arte e contribuindo para a formação de plateia.

Conforme enumeramos anteriormente, finalizávamos cada encontro com uma *Ciranda*, dança circular típica da região litorânea da Paraíba e de Pernambuco. A canção para esse momento foi composta especialmente para o projeto, pelo músico Renato Ramos. Era um momento de confraternização em que todos, em roda, celebravam o fim do encontro. Se ao iniciar a aula estávamos sentados cantando, no final os participantes estavam de pé, também em roda, cantando e dançando a ciranda, apresentando outra corporalidade e outra disposição para o movimento.

Além da experiência recente com o ensino remoto, em que as aulas se concretizam nas residências, o *Projeto Canguru* já havia ocupado diferentes espaços. Inicialmente, as aulas ocorriam nas dependências do Centro de Comunicação, Turismo e Arte (CCTA), onde está lotado o DAC. Em 2017 resolvemos oferecer as aulas em espaços de arte da cidade: Cenário Arte e Cultura e Fazendo Arte. Nessa tentativa tivemos grande diminuição do número de alunos e dificuldades de logística para a execução das aulas. Dividimos os monitores em dois grupos e, como as aulas aconteciam no mesmo dia e horário, era preciso transportar os materiais e conseguir dois dançarinos diferentes para as fruições. No ano seguinte, decidimos voltar para a UFPB, uma vez que o prédio do DAC já tinha sido entregue e era possível realizar as atividades nas salas de dança da graduação.

O ano de 2019 foi marcado por uma mudança estrutural: foi firmada uma parceria entre a UFPB e o CEARTE: a universidade ficou responsável pela parte pedagógica e o CEARTE se encarregou de oferecer o espaço, a Escola de Dança localizada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo e toda a parte administrativa. Pela primeira vez não precisávamos nos ocupar com matrículas, divulgação, limpeza do espaço, entre outros.



Essa parceria e o apoio que nos trouxe foram determinantes para enfrentarmos as dificuldades do ano de 2020. A coordenadora do projeto afastou-se para o doutorado, em dezembro de 2019, e mudou-se para Portugal, deixando as aulas sob responsabilidade das professoras de dança recém-formadas, Laís Luah e Cristina Resende. O primeiro semestre iniciou-se normalmente, com grande número de alunos nas duas turmas. As aulas ocorreram de modo satisfatório, como em todos os anos anteriores. Todavia, ao ser decretado o confinamento para conter a disseminação do novo coronavírus na Paraíba, e em todo o território nacional, tudo mudou radicalmente.



IMAGEM 2
Projeto Canguru. Foto de Ribamar de Souza.

CANGURU NA PANDEMIA

A disseminação do novo coronavírus e suas consequências aceleraram processos que, provavelmente, levariam décadas para se consolidar. As “transformações são inúmeras e passam pela política, economia, modelos de negócios, relações sociais, cultura, psicologia social e a relação com a cidade e o espaço público” (MELO, 2020). A impossibilidade do encontro presencial fez com que as tecnologias digitais viabilizassem um novo modo de nos relacionar.



A princípio o CEARTE suspendeu todas as atividades presenciais por um mês. Com o passar desse tempo e a constatação de que o confinamento seria bem mais longo, começaram a acontecer reuniões entre a direção e os professores para que fossem criadas alternativas remotas para as aulas de arte que estavam em curso. Até então era impensável realizar nossas aulas de dança para bebês no formato remoto. Todavia, diante da situação posta, essa era a única maneira de não se interromper o trabalho e minimamente atender às famílias que tinham se disposto a participar das aulas.

A escolha foi por aulas remotas e assíncronas. Essa modalidade permitiu que as famílias adaptassem as atividades aos horários da nova rotina que se apresentava. Também facilitava tecnicamente as atividades das duas professoras, já que uma aula síncrona exigiria do professor um computador com bom acesso à internet. Foi criada uma sala de aula virtual no Google Classroom com todas as famílias participantes. As aulas foram criadas pelas professoras em encontros virtuais e as orientações enviadas por e-mail, sempre aos sábados pela manhã. Foi solicitado às famílias, se possível, o envio de registros de fotos e/ou vídeos das atividades realizadas em casa.

A estrutura da aula foi mantida, permanecendo a divisão em quatro partes. A canção que marcava o *Bom Dia* foi gravada em voz e violão para auxiliar os adultos a cantarem junto com seu bebê. Todo o momento da chegada ao projeto foi perdido. Não há mais interação entre as famílias canguru e toda a troca de informação que acontecia; o trabalho passou a focar exclusivamente no núcleo familiar.

A nova estruturação da rotina familiar, com o confinamento e as incertezas do momento, fez com que, inicialmente, muitos participantes não conseguissem se organizar para a atividade. O que é perfeitamente compreensível: se antes sair para a aula de dança era uma atividade que rompia com a rotina caseira da família, agora, com a participação exclusivamente em casa e com as instruções passadas por escrito e por vídeos, a aula passou a ser mais uma atividade feita em casa. Aumentou o compromisso do adulto cuidador em entender a proposta, levantar os materiais necessários e, ainda, executar os exercícios de forma autônoma.

Portanto, antes do início da atividade, o adulto deveria separar os materiais a serem utilizados e ler as instruções de movimentação, já que não seria mais auxiliado pelas professoras, como acontece em aulas presenciais. Nas reuniões de preparação das aulas, foi muito discutido o tipo



de material solicitado em cada atividade: era preciso pensar em objetos que normalmente existem em casa e dar opções de substituição para que a família participante pudesse se adequar da melhor maneira dentro das possibilidades já existentes em casa.

Assim, após cantar a música do *Bom Dia*, a família passaria para o “desenvolvimento da temática” daquela aula. Observa-se que o fato de não haver outras pessoas executando as tarefas tem causado uma situação dúbia. Por um lado, não há motivos para timidez em ousar nas movimentações; por outro, não há a alimentação de novas ideias que acontecem em aulas presenciais. Sempre há a possibilidade de “contaminação” de ideias no processo de execução da proposta. Ao observar um outro jeito de se movimentar, o adulto acaba enriquecendo sua própria maneira de se relacionar com o bebê. Além disso, os monitores também estimulam, com algumas sugestões faladas, sobre mudanças de qualidade do movimento.

Outro fator que passou a ser de responsabilidade dos adultos foi o registro das atividades por meio de fotografias ou vídeos. O que sempre foi executado por monitores nas aulas presenciais, passou a ser responsabilidade da família. Para tanto é preciso ter uma terceira pessoa envolvida na atividade exclusivamente para esse fim. Não é obrigatório enviar o material de registro, mas, como forma a dar continuidade aos estudos também de maneira documental, é desejado pelas professoras que isso aconteça também nesse período em que os encontros seguem como atividade remota.

O momento da *Fruição* tem sido o maior desafio para o ensino remoto, pois, além de não fazer sentido colocar bebês assistindo dança pela tela, há estudos em andamento que apontam o mal que faz para o desenvolvimento infantil a exposição a tais telas. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), não é recomendado nenhum tempo de exposição à tela, salvo rápidas e pontuais videochamadas para interação.

Para esse momento, a etapa *Fruição*, foi sugerido que o adulto dançasse com o bebê no colo, ouvisse os sons da sua casa, brincasse com a luz e a escuridão, provocasse o olfato do nenê com cheiros corriqueiros de frutas, entre outras propostas que se davam conforme o estudo para a elaboração de cada aula, sugestões estas que tinham como objetivo de suprir a ideia de fruição, só que de maneira remota. Em muitas aulas remotas, as famílias passaram então a ser



os próprios atores, bailarinos, equilibristas dessa apresentação, havendo uma grande mudança na forma de fruir em relação à proposta inicial feita pelo projeto.

A música da *Ciranda* também foi gravada e enviada para as famílias poderem finalizar a atividade dançando com o bebê. Apesar de ser uma dança coletiva, a manutenção dessa parte da dança serviu para marcar as finalizações de aula – de modo reconhecível para a criança e, além disso, com a alegria que a *Ciranda* traz.

Como podemos perceber, as aulas remotas trouxeram muitos desafios, tanto para as professoras quanto para as famílias canguru. O momento mais crítico certamente foi o inicial, quando, após três meses de paralisação, o CEARTE optou por dar continuidade ao semestre, com todas as atividades em formato remoto, a partir de julho de 2020. A principal dificuldade encontrada nesse momento foi a formulação das aulas de modo a contemplar adultos confinados com bebês, adultos esses que não têm formação em dança.

Assim, as instruções deveriam ser de fácil entendimento, com possibilidades de adaptação à realidade familiar, sendo estimulantes e prazerosas. Não era possível, naquele momento, prever como seriam recebidas e qual o impacto que o projeto teria na vida familiar.

As aulas no modo remoto foram ofertadas para as mesmas famílias que já estavam inscritas no primeiro semestre. Pensando nas diversas adaptações por que as famílias estavam passando para enfrentar a pandemia e o isolamento social, optamos por oferecer indicações sobre as atividades das aulas de maneira escrita, descrevíamos as atividades propostas e anexávamos links das músicas que acompanhavam o *Bom Dia* e a *Ciranda*, links esses que eram oferecidos para facilitar a atuação dos adultos, quando eles fossem cantar para/com os seus pequenos.

Após o fim desse semestre especificamente, foi possível avaliar que, como os cuidadores junto com seus bebês já haviam experienciado aulas de maneira presencial e reconheciam a prática como sua, a maior dificuldade foi encaixar as aulas na rotina das famílias, visto que todos estavam passando por uma readaptação de horários. De acordo com avaliações compartilhadas, a falta de habilidade com os meios tecnológicos também se tornou um empecilho, pois demandava tempo para que os adultos se familiarizassem com os recursos e ferramentas necessários.



Além do Google Classroom, que foi o recurso oficial sugerido pelo CEARTE para a continuidade dos cursos, o envio das aulas pelo WhatsApp foi uma forma de oferecer um pouco mais de facilidade de acesso, tendo em vista que os pais já eram familiarizados com essa ferramenta. As aulas do período de 2020 encerraram em novembro e ao longo desse ano só foi possível oferecer um semestre de curso, diferentemente dos dois semestres anuais previstos, que seriam oferecidos de forma presencial caso não houvesse a pandemia.

O ano de 2021 iniciou com a esperança coletiva da vacinação e de que logo a vida voltaria a ser “presencial”. Contudo, em reunião pedagógica, os professores e a direção avaliaram que não haveria condições de receber os alunos presencialmente em suas dependências, que ficam no subsolo do CEARTE e, ainda, pelo fato de que a ventilação é completamente dependente do uso de aparelhos de ar-condicionado. Essa decisão mostrou-se acertada, uma vez que a vacinação no Brasil tem acontecido muito lentamente no país e, além disso, uma segunda onda de COVID-19 assolou a Paraíba nos meses de março e abril de 2021.

Observando e analisando a primeira experiência de aulas remotas, que se deu em 2020, os educadores envolvidos perceberam que havia a possibilidade de dar continuidade às atividades do projeto em tempos de pandemia. Foi decidido, então, que seriam ministrados ciclos de minicursos com sete semanas em todas as áreas artísticas oferecidas na instituição.

Em março de 2021, se deu início ao minicurso que teve como temática “Linguagens do CEARTE”, no qual propusemos aulas que eram atravessadas pelas linguagens das artes (cinema, dança, fotografia, literatura, música, teatro e artes plásticas) que são costumeiramente oferecidas pela instituição.

O primeiro ciclo de minicurso iniciou com novos inscritos; recebemos famílias que nunca haviam vivenciado as aulas de forma presencial. O desafio era fazê-los entender que não existia certo ou errado e sim possibilidades de interação. Fizemos um vídeo para os pais conhecerem um pouco mais o projeto e entenderem como seriam as aulas.

Optamos por enviar as orientações e indicações para as aulas de forma escrita, como em 2020 (durante a volta às aulas, que se tornaram remotas), e elaboramos as instruções como se



estivéssemos apresentando possibilidades durante uma aula presencial. Para mostrar a forma como se deram essas instruções, utilizaremos como exemplo a aula que teve como tema *Teatro*:

Após dizer os materiais necessários para a aula e depois da música do Bom Dia, indicamos a segunda parte da aula: Vamos estimular seu bebê de maneira divertida? Vamos começar nossa aula de Teatro fazendo caretas? Faça muitas caretas e ajude seu bebê a fazer também (abrindo a boca, fazendo biquinho, abrindo os olhos, colocando a língua pra fora...) muitas caretas. Todo ator e atriz precisa aquecer o corpo antes da cena, amasse o corpinho do nenê como se fosse uma massinha de pão. Precisamos também aquecer a voz, faça besourinho e também várias vozes... grave, agudo, imite alguém ou algum desenho use a imaginação. Nosso primeiro personagem é um super-herói ou super-heroína. Pegue a fralda ou o paninho e use como capa para seu nenê voar pelos ares, alto, baixo, por todos os espaços do palco/casa. Nosso super-herói/heroína tem também o poder de desaparecer. Use o paninho/fralda para brincar de esconder o bebê. Nosso personagem encontrou um amigo, coloque a meia na mão e interaja com seu bebê falando com ele através desse fantoche. Vamos ao teatro de sombras! Que tal irmos até à janela, ou em algum lugar que tenha luz? Vamos fazer sombras com as mãos e observar se o formato que se faz no chão pode deixar a criatividade aflorar. Caso a sombra tenha um formato de animal, você pode imitar o som do bichinho em questão e se movimentar com seu/sua pequeno/a com os movimentos que são peculiares a tal bicho. Em seguida apresentamos a proposta de fruição e a ciranda para encerrar a vivência, como dito anteriormente.

Nosso desafio era saber como as famílias se resolveriam com as propostas sugeridas. Muitas vezes os *feedbacks* não chegavam ou, quando surgiam, eram feitos de forma tímida com os pais/cuidadores se justificando que “não deu tempo de fazer a aula no horário” ou que fez a proposta, mas “não conseguiu registrar”.

Por conseguinte, o segundo módulo também foi ofertado em formato remoto assíncrono de minicurso com ciclos de sete aulas, dessa vez tendo como tema *Construindo emoções por meio do mover*, no qual propusemos movimentações para o autocuidado, massagens e exercícios que provocassem experiências e sensações de bem-estar. Já com o retorno que recebemos como



resultado das avaliações feitas a partir da primeira experiência e com uma rotina já estabelecida no confinamento das famílias, consideramos que esse módulo resultou num maior engajamento. Agora que foram identificadas as dificuldades, pudemos esclarecer que as aulas ficariam à disposição e poderiam ser feitas conforme a demanda e no horário desejado pelas famílias, fazendo com que os envolvidos pudessem ter mais liberdade e se sentissem mais à vontade de conversar a respeito das atividades com as professoras, fato que facilitou a construção das aulas.

Mesmo com as aulas sendo oferecidas pelo Classroom, os retornos sempre foram maiores pelo WhatsApp. Demos essa opção por ser uma forma de nos aproximar das famílias e, de certa maneira, desburocratizar o acesso aos materiais que enviamos. Nesse segundo ciclo de minicursos, os pais se comunicaram consideravelmente mais do que no primeiro, informando suas dificuldades, o modo como os bebês reagem aos estímulos, enviando registros audiovisuais, mas a pergunta sobre quando as aulas voltariam a ser presenciais geralmente se fazia presente nas comunicações.

No ano de 2020, recebemos alguns relatos de pais/cuidadores após a primeira experiência das aulas que voltaram de forma remota. Um desses relatos aconteceu durante um encontro pelo Google Meet. A mãe dividiu suas angústias e falou da dificuldade de fazer as aulas devido à necessidade de adaptação a uma nova rotina. Tinha que conciliar os cuidados do bebê com o *home office* e com os afazeres domésticos, além disso relatou o estresse pelo fato de não contar com a rede de apoio de antes, por não poder receber visitas de familiares. De acordo com esse depoimento, o medo e a incerteza do futuro afetaram psicologicamente o grupo familiar, inclusive por terem de lidar com doenças do bebê e de outras pessoas da família durante a pandemia.

Acreditamos que tudo isso afetou de forma significativa muitas famílias e, nesse momento tão complexo e de adaptação, precisávamos acolhê-las com suas presenças ou ausências.

Já no final do segundo ciclo de minicursos (2021), momento em que iniciávamos o segundo ano em pandemia e a rotina acontecia um pouco mais adaptada a essa condição, recebemos outras comunicações das famílias participantes sobre aulas remotas: “Muito linda a proposta. Mas eu preferiria que fossem encontros on-line ao vivo, para existir uma interação coletiva mesmo que por telas. Só que acredito que em breve estaremos todos juntos pessoalmente mesmo. Gratidão” (Mãe do projeto 1).¹

¹ Preferimos manter em sigilo o nome dos participantes. Mensagem enviada por WhatsApp em 20 fev. 2021



Recebemos algumas avaliações positivas, no que se refere à interação com os bebês no ensino remoto e assíncrono: “Foi maravilhoso para o desenvolvimento do meu pequeno. Esse projeto é muito importante, sem contar que ele ama, não vejo a hora de ir para o próximo” (Mãe do projeto 2).²

Vemos que as vivências propiciadas pelo Projeto Canguru oportunizando a interação social com outros bebês e cuidadores são de extrema importância para os participantes. O desenvolvimento, entretanto, desse diálogo corporal restrito ao bebê e seu cuidador se tornou um dos principais focos das aulas nesse momento, já que era impossível haver a socialização proporcionada no outro formato.

Neste momento estamos organizando o terceiro módulo do projeto no sistema remoto. O tema geral é *Explorando a fauna e a flora brasileira*, a partir do qual usaremos o recurso da imaginação dos adultos para viajarmos por todas as nossas regiões: Caatinga, Cerrado, Amazônia, Mata Atlântica, Pantanal, Pampas. Há ainda uma divertida proposta de explorar a Fauna doméstica, em que iremos sugerir que as famílias explorem os ambientes através de viagens imaginárias nos mais diversificados meios de transporte. Assim como no ciclo 2, os participantes se inscreverão já sabendo da condição em que as aulas vão acontecer (de forma remota e assíncrona), o que faz muita diferença no engajamento das famílias com relação à participação e ao envio de materiais fotográficos e audiovisuais que registram os trabalhos.



IMAGEM 3

Dança para bebês:
aula remota. Tema:
massagem. Foto de
Francinete Nonato

² Mensagem enviada por WhatsApp em 6 mar. 2021.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como um bebê em desenvolvimento, o Projeto Canguru – dança para bebês já passou por diferentes transformações e mudanças: de acordo com o espaço em que as aulas foram propostas, assim como quando foram oferecidas aulas com a metodologia do projeto em creches; adaptações relacionadas com a quantidade de participantes, já demos aula simultaneamente para quase 50 bebês em uma oficina; agora surgiu a necessidade de adaptar as vivências a essa forma não presencial, que talvez tenha sido um dos nossos maiores desafios.

Acreditamos que, mesmo de forma remota, oferecer as vivências de dança neste momento tão complexo é de extrema importância, pois mostra diferentes possibilidades de interação em que o adulto se propõe a reaprender a brincar com seu bebê (fazendo esse último interagir e se desenvolver a partir das atividades propostas), aumentando a qualidade e o modo de estar-a-ser juntos em um confinamento que todos nós fomos obrigados a vivenciar e nos reinventar.

Pensar nessa necessidade de reinvenção (mesmo ainda em período de adaptação) das aulas do projeto em tempos de distanciamento social possibilita olhar novos horizontes para o projeto, já que com esta experiência conseguimos vislumbrar novas maneiras de levar essa metodologia de dança para bebês, mesmo que de forma não presencial. Estamos construindo e aprendendo junto com as famílias os limites e as potências deste formato.



REFERÊNCIAS

- » ALMEIDA, T. Currículos e agenciamentos do devir: trânsitos ao redor de Deleuze na delimitação da infância a partir de Emílio de Rousseau. *Fractal Revista de Psicologia*, v. 30, n. 3, p. 302-309 doi: <https://doi.org/10.22409/1984-292/v30i3/9582>, 2018.
- » ALMEIDA, T. *Psicologia do desenvolvimento e a delimitação de modos de ser criança*. Devir – adulto, devir-sujeito e a educação de infância. In book *Biopolítica e Tanatopolítica: a agonística dos processos de subjetivação contemporâneos*. Publisher: Editora CRV, pp.229-250, 2019.
- » ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas*. Manual de orientação. Departamentos Científicos de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento e de Saúde Escola , nº6, jun. 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-_UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- » GROSSI, M. G. R.; MINODA, D. de S. M.; FONSECA, R. G. P.. *Impacto da pandemia do Covid-19 na educação: reflexos na vida das famílias*. Teoria E Prática Da Educação, 23(3), 150-170. <https://doi.org/10.4025/tpe.v23i3.53672>, 2020.
- » MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. *A Arvore do Conhecimento – as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Workshopsy, 1995.
- » MELO, Clayton. *Como o coronavírus vai mudar nossas vidas: dez tendências para o mundo pós-pandemia*. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html>>. Acesso em: 1 jul. 2021.
- » ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA – UNESCO. *Coalizão Global de Educação* [internet]. Paris: Órgão executivo da Organização Mundial de Saúde. <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>
- » PIAGET, Jean. *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- » VYGOTSKY, Lev. *Pensamento e Linguagem*. Lisboa: Relógio D'água, 2008. WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *Coronavirus disease (COVID-19) pandemic* [Internet]. Genebra: Organização Mundial de Saúde; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 20 jul. 2021.